

Tertúlia sobre Racismo e Direitos Humanos



No passado dia 25 de julho, o Observatório dos Direitos Humanos (ODH) participou numa tertúlia sobre Racismo e Direitos Humanos na sede da Associação Padre Maximino, em S. Pedro da Cova, Gondomar.

Na tertúlia tomaram inicialmente a palavra a dirigente da associação anfitriã e o Sr. Presidente da Junta de Freguesia de S. Pedro da Cova, tendo-se-lhes seguido Luís Filipe Guerra, em representação do ODH, para falar do tema em questão.

Em síntese, o porta-voz do ODH começou por delimitar o conceito de racismo, cingindo-o aos casos de discriminação racial e distinguindo-o da xenofobia e da

discriminação económica, em que o critério da pertença étnico-racial pode não estar presente, muito embora estas formas de discriminação se entrecruzem em diversas ocasiões, em função da hierarquização social vigente.

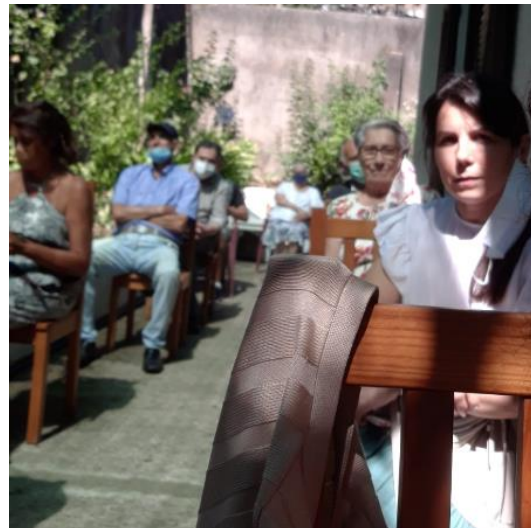
Posto isso, o palestrante ilustrou a realidade do racismo em Portugal com base no número crescente de queixas recebidas entre 2014 e 2019 pela Comissão para a Igualdade e contra a

Discriminação Racial e, em especial, pelos casos de decisões condenatórias proferidas por esta entidade em processos de contraordenação.

No seguimento desta caracterização, o orador questionou os presentes sobre se Portugal é um país racista, tendo o cuidado de esclarecer que não pretendia perguntar se todos e cada um dos portugueses eram racistas, mas sim se se podia considerar que existia racismo em Portugal.

Para responder a esta questão, foi feita uma breve súpula dos

instrumentos legais de proteção do direito à igualdade, concluindo que a legislação portuguesa procura assegurar esse direito e reprimir as práticas discriminatórias, mas que não se podia deixar de ter em consideração a subsistência de um lastro cultural da experiência colonial recente,



especialmente por força do efeito duradouro do passado escravagista no que respeita à representação do papel social do africano negro.



Nesse sentido, o palestrante realçou a importância de desmontar os estereótipos étnico-raciais, mostrando como a igualdade de oportunidades permite a indivíduos diversos chegar a posições e funções sociais similares.

Desta forma, fica também patente a necessidade de um processo de reconciliação com a memória histórica, que contemple algum tipo de reparação às minorias sociais, nomeadamente sob a forma de medidas de discriminação positiva, em ordem a poder avançar-se para uma Nação Humana Universal, com base na diversidade convergente.

Finalmente, foi dada a palavra à assistência para dar voz a diferentes perspetivas sobre esta temática.

No final, os presentes foram brindados com a atuação do músico cabo-verdiano

Plácido Vaz, posto o que puderam confraternizar degustando diversos pratos da gastronomia são-tomense.